

AFROJIN: RACIALIDADE E AFROSSABERES NA ESCOLA

AFROJIN: RACIALITY AND AFRICAN KNOWLEDGES IN SCHOOL

Joria Ane Lima Batista Almeida¹
Viviane da Silva dos Santos²
Carlos Daniel da Silva Sales³
Francisco Joel Braz da Silva⁴

RESUMO

Este trabalho analisa intervenções didáticas que buscam legitimação enquanto projeto com o título AFROJIN: Racialidade e Afrossaberes na Escola. Nossas intervenções iniciam com uma pesquisa sobre pertença racial e afrossaberes da comunidade escolar. A partir dos dados colhidos nos concentraremos em propor oficinas sobre os três afrossaberes que mais despertaram interesse inicial nas aulas de Sociologia: Corporeidade, Musicalidade e Religiosidade. Os questionamentos que norteiam a pesquisa são: Como a EEEP JIN⁵ se reconhece racialmente? O racismo estrutural impede que alguns indivíduos se autoidentifiquem como pretos ou pardos no contexto? Como a comunidade escolar lida com dimensões afro-brasileiras chamadas de Afrossaberes (Valores Civilizatórios Afro-brasileiros) tais como: Corporeidade, Musicalidade e Religiosidade Afro-brasileira? Como podemos intervir criando ações que visam a valorização da pertença racial e destes Afrossaberes na EEEP JIN? Dentre os objetivos temos: Disseminar saberes originários negros e mapear jovens e/ou outros atores sociais que já se expressam musical, corporal e/ou religiosamente e valorizar os Afrossaberes estudados bem como a pertença racial no país e no contexto com a finalidade de consolidar uma escola antirracista.

Palavras-chave: Pertença Racial. Afrossaberes. Corporeidade. Musicalidade. Religiosidade Afro-brasileira.

ABSTRACT

This work aims to analyze didactic interventions that seek a legitimacy as a project with the title AFROJIN: Raciality and African knowledges in school. Our interventions begin with a survey of racial belonging and African knowledge in the school community. In the data collected, we will focus on proposing workshops on the three African knowledges that most aroused initial interest in Sociology classes: Corporeality, Musicality and Religiosity. The questions that guide the research are: How EEEP JIN recognize themselves racially? Does structural racism prevent some individuals from self-identifying as blacks or browns in the context? How does the school community deal with Afro-Brazilian dimensions called African knowledges (Afro-Brazilian civilizing values) such as: Corporeality, Musicality and Afro-Brazilian Religiosity? How can we intervene by creating actions aimed at valuing racial belonging and African knowledges at EEEP JIN? Among the objectives we consider: Disseminate black origin knowledge and map young people and/or other social actors who already express themselves musically, bodily and/or religiously and value the studied African knowledges as well as racial belonging in the country and in that context with the purpose of consolidating an anti-racist school.

Keywords: Racial Belonging. African knowledges. Corporeality. Musicality. Afro-Brazilian Religiosity.

1. Professora de Sociologia da Rede Básica de Ensino do Estado do Ceará

2. Estudante da EEEP José Ivanilton Nocrato.

3. Estudante da EEEP José Ivanilton Nocrato.

4. Estudante da EEEP José Ivanilton Nocrato.

5. A sigla JIN se refere ao nome da Escola: José Ivanilton Nocrato.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve intervenções didáticas legitimadas como projeto com o título AFROJIN: Racialidade e Afrossaberes na Escola. Nossas ações iniciaram com uma pesquisa sobre pertença racial e afrossaberes na comunidade escolar. Tal pesquisa foi direcionada a todos os atores escolares que espontaneamente puderam responder ao questionário via Google Forms. Na pesquisa realizada nos concentramos em conhecer as pertenças raciais da comunidade escolar bem como suas vivências e impressões sobre três afrossaberes específicos: Musicalidade, Corporeidade e Religiosidade. A partir deste recorte propomos oficinas sobre os dois afrossaberes que mais despertaram interesse inicial nas aulas de Sociologia no 2º Ano que são Corporeidade e Musicalidade e uma roda de conversa sobre Respeito à Diversidade Religiosa no Brasil e sobre Ser negro(a) no Brasil. Para difundir as práticas realizadas em relação à temática criamos o perfil no Instagram chamado afro.jin. Neste divulgamos ações do projeto bem como conhecimentos sobre racialidade e afrossaberes no Ceará e no Brasil. Temos como lócus de pesquisa a Escola Estadual de Educação Profissional José Ivanilton Nocrato, situada na CREDE 01, município de Guaiúba. A equipe de autores AFROJIN é composta por três alunos do 2º ano Química Francisco Joel Braz, Viviane da Silva e José Carlos da Silva (equipe vencedora do Ceará Científico no ano de 2021) e conta com a orientação da professora de Sociologia Jória Ane Lima.

O trabalho desenvolvido na escola foi pensado nas aulas de Sociologia ministradas pela professora Jória Ane Lima (a partir de abril de 2021). Em Abril de 2021 tivemos o estudo do capítulo 5, intitulado Raça, Etnia e Multiculturalismo, parte do livro didático Sociologia em Movimento [1]. Este capítulo trabalha conceitos sociológicos importantes para entendermos a dinâmica das relações raciais no Brasil. A partir dos momentos de debate sobre os conceitos discriminação, preconceito, segregação, racismo, antirracismo, etnia e multiculturalismo várias inquietações foram mobilizadas. Inquietações estas que posteriormente formaram as problemáticas que fundamentam a pesquisa ainda em desenvolvimento. Durante as aulas estudamos também referenciais negros no estudo da Antropologia como: Kabengele Munanga e Lélia González. Nossa professora e agora orientadora nos informou que com a ajuda do Livro Didático e para além deste era preciso conhecer pesquisadores, cientistas e ativistas negras e negros que tanto construíram bases para a garantia de direitos sociais, civis e políticos às negras e negros no Brasil. As reflexões que agora se expressam como problemas a serem pesquisados são: Como a EEEP JIN se reconhece racialmente? O racismo estrutural impede que alguns indivíduos se autoidentifiquem como pretos ou pardos no contexto? Como a comunidade escolar lida com dimensões afro-brasileiras chamadas de Afrossaberes (Valores Civilizatórios Afro-brasileiros) tais como: Corporeidade, Musicalidade e Religiosidade Afro-brasileira? Como podemos intervir criando ações que visam a valorização da pertença racial e destes Afrossaberes na EEEP JIN? Estas ações podem ser pensadas como parte do calendário letivo anual para a contribuição a longo prazo de um contexto antirracista?

Nas próprias aulas de Sociologia já estava evidente que havia engajamento relacionado à temática,

conceitos e teorias apresentadas o que favoreceu a criação de uma avaliação do 1º período de forma diferenciada pela professora. A mesma nos pediu para criarmos uma expressão autoral e/ou artística sobre as temáticas: desenho, poema, paródia, post para rede social, texto sobre Raça, Racismo, Multiculturalismo e Antirracismo. Fizemos uma exposição virtual das produções salientando as características autênticas de cada uma como também o teor crítico que estas expressavam. A partir deste período se origina o projeto escolar AFROJIN.

As intervenções iniciaram a partir de uma pesquisa realizada com os atores sociais: estudantes, professores, gestores, funcionários. Tal pesquisa busca mensurar como os sujeitos da pesquisa se percebem racialmente e como lidam com três valores afro-brasileiros que interrelacionam-se e estão presentes em nossas vidas de múltiplas formas. A partir desta pesquisa que mescla perguntas do método qualitativo com perguntas quantitativas direcionamos as possibilidades de ação de valorização das juventudes negras além das demais gerações do contexto a partir de criação de rede social específica para divulgação de informações científicas e de valorização dos Afrossaberes bem como a execução de oficinas sobre Estéticas Negras, roda de conversa sobre Respeito à Diversidade Religiosa no Brasil e Ser Negra e Negro no Brasil, Valorização das Estéticas Negras a partir da fotografia, Oficina de Esportes Africanos e Afro-brasileiros, Oficina de Musicalidade, Oficina de Desenho. Todas as oficinas contarão com a participação dos autores do trabalho que realizarão algumas intervenções estudadas, sua coordenadora e convidados (as). Nossos objetivos previstos são: Pesquisar os atores sociais do contexto escolar a partir de suas pertencas raciais; Analisar como tais indivíduos lidam com a musicalidade, corporeidade e religiosidade afro-brasileira; Disseminar saberes originários negros e mapear jovens e/ou outros atores sociais que já expressam-se musical, corporal e/ou religiosamente; Valorizar os Afrossaberes estudados bem como a pertença racial no contexto com a finalidade de consolidar uma escola antirracista.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Seguindo os passos sugeridos pela professora durante as aulas de Sociologia do 2º período destacamos como referências importantes para as inquietações e proposições o Doutor em Antropologia Kabengele Munanga. Tal autor (2005, pág. 15) nos ensina como a diversidade deve ser vista como complementariedade e não como superioridade ou inferioridade. Coloca-se assim o fato de que conhecer, estudar e valorizar as culturas negras bem como o pertencimento racial tem importância já que sofremos silenciados por séculos de exclusão, violência, racismo estrutural etc. Munanga (2005, pág. 15) nos informa que tais Afrossaberes, considerados como Africanidades se expressam consciente ou inconsciente de diversas formas cotidianas: no nosso dançar e nas nossas cantigas de ninar, nas nossas oferendas e nossas simpatias no ano novo, no nosso falar diário, em nosso corpo. É importante entender que tais saberes estão sempre em processo de transformação e, nós, enquanto jovens, ressignificamos algumas práticas e acrescentamos hábitos. O *rap*, o *funk*, as novas estéticas negras são exemplos de ressignificação em nossa geração.

Como fonte de saberes também temos a Doutora em Antropologia Lélia González (1984, pág. Pág. 224) que nos informa como o racismo no Brasil encontrou mecanismos de sobrevivência sofisticados que estão embutidos em nosso inconsciente: o mito da democracia racial. Parte de nossa dificuldade em admitir que há racismo no país reside na ideia de que somos iguais e de que quanto menos retintos menos racismo sofreremos. O que não se percebe é que os padrões estéticos sempre encontram estratégias para segregar como também o mercado de trabalho, as relações de amizade etc. Por este e outros motivos a ideia de democracia racial não se efetiva. Não temos as mesmas condições efetivadas em direitos sociais, civis e políticos no Brasil e Gonzalez (1984) já nos falava isso no século passado. Há avanços como a política de cotas nas Universidades, Mercado de Trabalho, porém ainda vemos a criminalização das religiões de matriz africana e afro-brasileira além da criminalização e encarceramento das juventudes negras e periféricas. Em um de nossos encontros nos perguntamos por que não estudamos pesquisadores (as) negros (as), cientistas e autores(as) negros (as) no Ensino Médio com mais frequência? Isso também demonstra o apagamento intelectual do qual negros(as) são vítimas por séculos. Por fim vemos ainda a tripla tentativa de invisibilização das mulheres negras como bem nos esclarece Gonzalez (1984, pág. 227). Jovens negras vítimas de machismo atrelado ao racismo e ao preconceito de classe social. Esses elementos precisam ser observados e educativamente combatidos com intervenções formativas como a que nos propomos realizar.

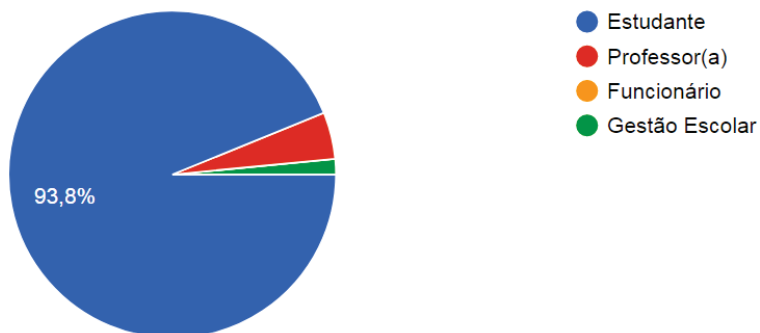
3. METODOLOGIA

Para conhecer racial e etnicamente o contexto construímos um questionário com perguntas de múltipla escolha e de resposta dissertativa para que, caso quisessem os atores sociais pesquisados, pudessem relatar situações que vivenciaram e como experienciam os afrossaberes. Depois da análise dos dados colhidos (primeira remessa dos dados) e observando as demandas expressas nas aulas de Sociologia do 2º ano sobre a temática entendemos quais dimensões deveriam ser nosso foco inicial de atenção nas intervenções a curto prazo.

Por conta do contexto híbrido e de distanciamento ainda em vigor decidimos criar momentos de interação com nosso público em formação a partir da criação de uma rede social onde consta informações, dados, conceitos, teorias e vivências estudantis e dos demais indivíduos da escola sobre a temática racial e dos Afrossaberes. Respeitando o distanciamento e a quantidade de alunos permitida em sala, propomos momentos de debate, vivência, reflexão e/ou troca de conhecimentos a partir das seguintes oficinas: Valorização das Estéticas Negras a partir da fotografia, Oficina de Esportes Afro-brasileiros, Oficina de Percussão, Oficina de Desenho. Realizaremos por fim uma roda de conversa sobre Respeito à Diversidade Religiosa no Brasil e Ser Negro (a) no Brasil. Todas as ações estão previstas para acontecerem entre outubro e dezembro do corrente ano e a participação se dará por adesão.

Em nossa pesquisa feita a partir de questionário que mescla o método quantitativo e qualitativo encontramos até o momento a seguinte participação:

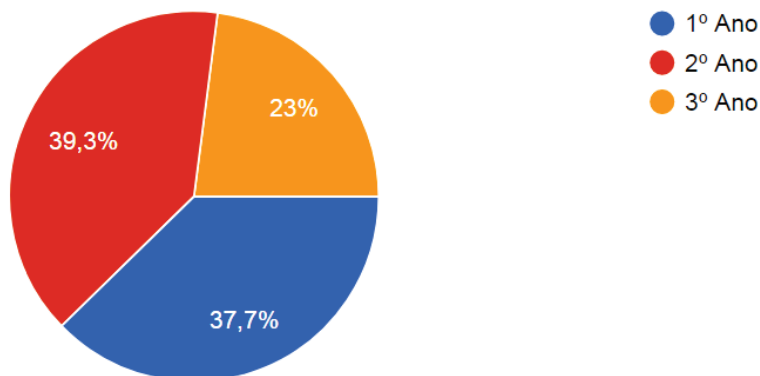
Tabela 1 – Participantes da pesquisa



Fonte: elaborada pelos autores.

Segmentando por ano temos os seguintes resultados:

Tabela 2 – alunos participantes por ano

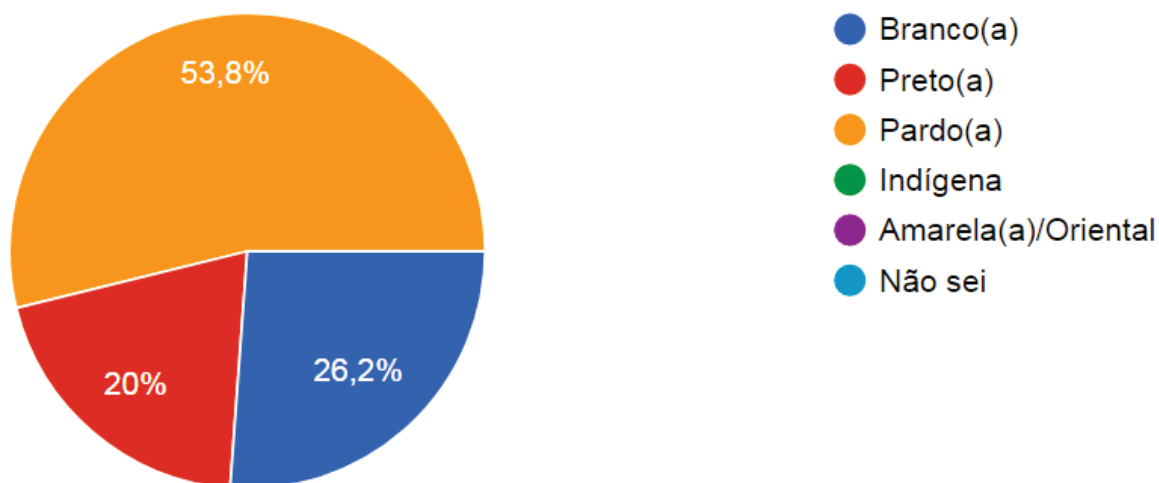


Fonte: elaborada pelos autores.

Como forma de conhecer um pouco mais o contexto de pertença racial perguntamos: O IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração [como a pessoa entrevistada se identifica]. Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda,

indígena ou amarela. Como você se identifica? Obtivemos as seguintes respostas:

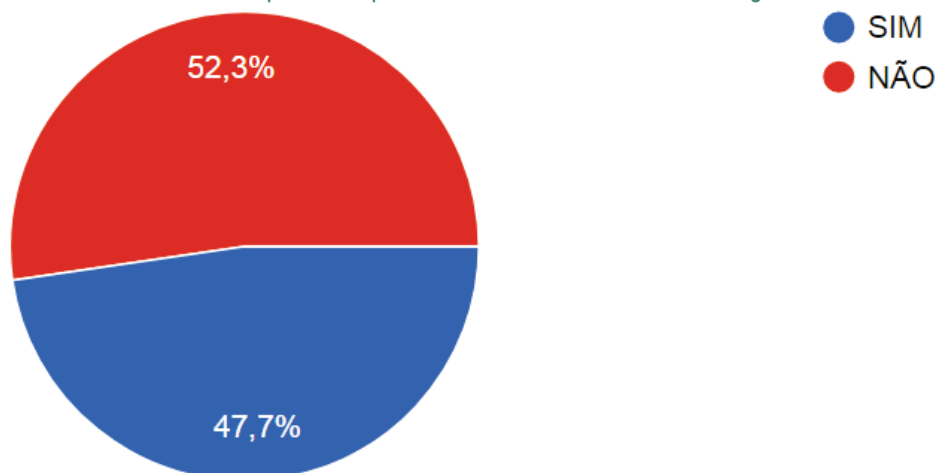
Tabela 3 – Autoidentificação por cor



Fonte: elaborada pelos autores.

Das 65 pessoas participantes da pesquisa 53,8% se autodeclararam pardos [as]. Segundo Gonzalez [3] a neurose brasileira denominada por Florestan Fernandes [5] como mito da democracia racial historicamente nos impede de nos definir como pretos. Há historicamente uma definição negativa deste conceito e nomear-nos pardos nos isenta de autojulgamentos criados pelo racismo estrutural, porém, notamos no contexto específico parcela significativa dos que se autodefinem pretos, o que, demonstra processo de consciência racial, algo já percebido em falas de alguns estudantes sobre a temática. Ainda sobre a questão racial perguntamos: De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) [6] 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. O conjunto dos indivíduos pardos e pretos que se identificam como coletividade racial e política específica são entendidos pelos movimentos étnicos como negros. Você se auto-identifica (ser percebe) como negro [a]? Obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 4 – pessoas que se identificam ou não como negras

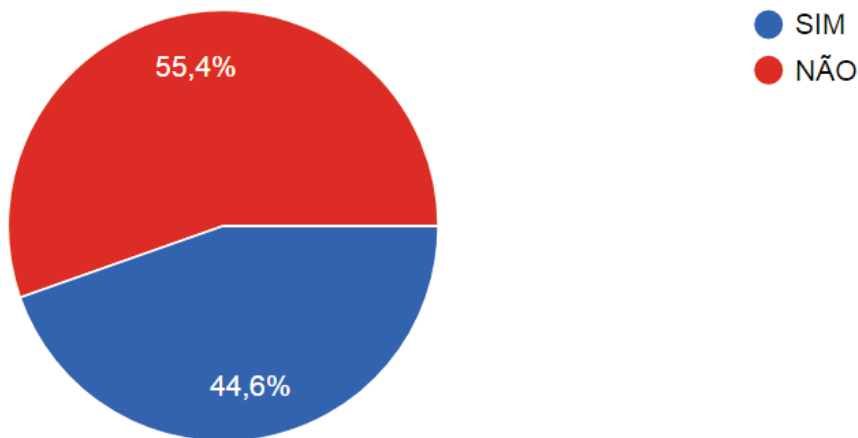


Fonte: elaborada pelos autores.

Ao comparar os dois últimos gráficos percebemos que aqueles que se definem como pretos e pardos quase em sua totalidade também se definem como negros. Tal definição de ser negro(a) segundo Kabengele Munanga [7], é uma iniciativa do Movimento Negro na tentativa de unir os excluídos em torno de uma mesma identidade solidária e afetiva.

Sobre o afrossaber corporeidade perguntamos: Um dos afrossaberes, conhecimentos vindos de nossos ancestrais africanos e afro-brasileiros é a corporeidade. A partir desta dimensão temos as estéticas negras. Um dos aspectos das estéticas negras é o cabelo cacheado, crespo, Black Power, trançado etc. Você considera que esta estética é valorizada em nosso país?

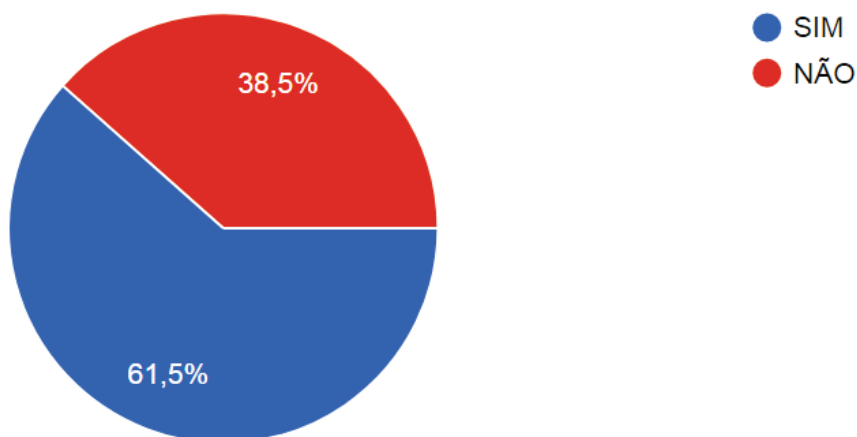
Tabela 5 – Estéticas negras são valorizadas no país?



Fonte: elaborada pelos autores.

Como complementação indagamos: Esteticamente você já se sentiu pressionado(a) a mudar seu cabelo, seu corpo e sua forma de se vestir por conta dos padrões de beleza?

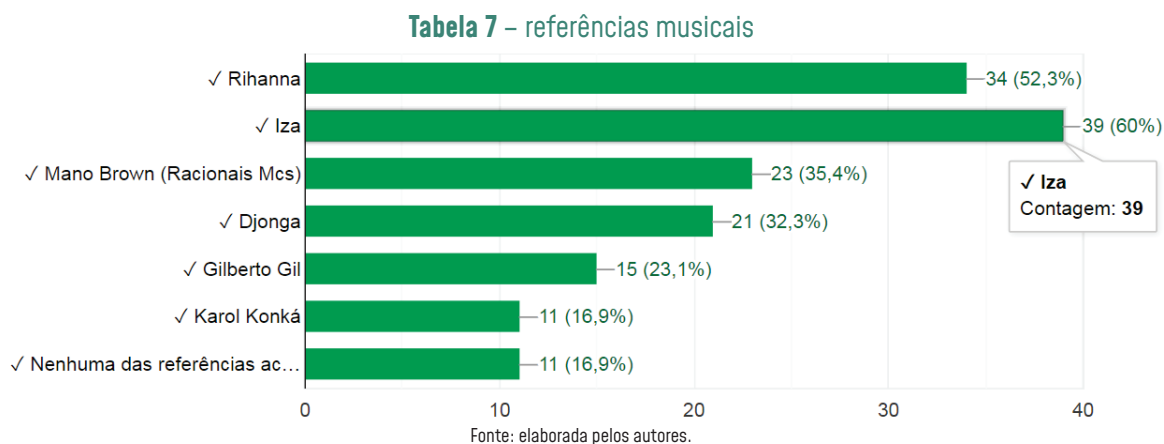
Tabela 6 – Se sentiu pressionado(a) diante dos padrões estéticos eurocêtricos?



Fonte: elaborada pelos autores.

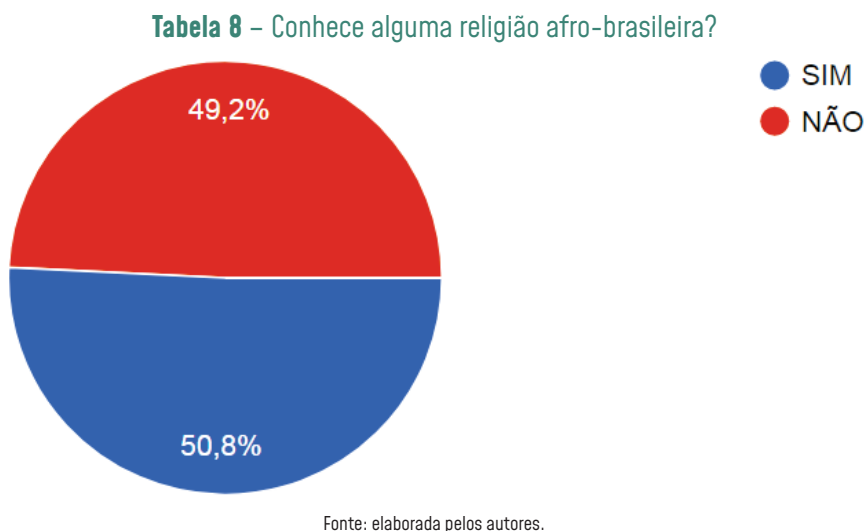
Através dos dados percebemos ainda a dificuldade estrutural em lidar com as estéticas negras. Algumas de nossas ações têm como fundamento oportunizar conhecimentos e inspirações para os (as) jovens estudantes e comunidade escolar se perceberem a partir de referenciais negros e a partir de suas próprias estéticas.

Sobre musicalidade perguntamos as principais referências enquanto cantores e compositores resultando como principais referências brasileiras:



É nossa intenção proporcionar um momento de interação com percussionistas da região que fazem parte de um centro de cultura na cidade.

A partir da pergunta: Você conhece alguma religião afro-brasileira? Obtivemos o seguinte resultado:



Ao serem perguntados, de forma dissertativa, quais os conhecimentos específicos estes têm sobre essas

religiosidades percebemos o senso comum que orienta, em alguns casos, a intolerância religiosa. Neste sentido alguns se remetem a tais religiões como macumba e outros afirmam saber apenas os nomes de duas destas: Umbanda e Candomblé.

Iniciamos as oficinas no dia 19 de outubro de 2021 com a temática Valorização das Estéticas Negras a partir da Fotografia. A oficina foi ministrada pelo fotógrafo local Gabriel Frank, ex-aluno da Escola e que realiza um trabalho fotográfico centrado no cotidiano de sua família negra. Além de narrar toda a sua descoberta artística, seus percalços diante do racismo enfrentado nas redes sociais, por fim nos convidou a fotografar nosso cotidiano escolar. A oficina contou com 25 alunos, representantes de todas as turmas e as produções destes estão presentes no afro.jin. Como resultado inicial vimos estudantes mais seguros diante de suas autoestimas e outros estudantes buscando engajamento em outras ações pensadas no projeto.

4. CONCLUSÃO

Por conta do contexto inicial totalmente remoto e agora híbrido entendemos que a pesquisa ainda está em desenvolvimento, porém já se delinea, a partir dos dados iniciais colhidos, dimensões que serão base para as nossas intervenções em forma de criação de rede social, oficinas e rodas de conversa. Como passos iniciais já temos oficinas marcadas para o mês de outubro deste ano. Tais intervenções buscam a valorização destas pertenças raciais bem como dos afrossaberes pesquisados no contexto. Acreditamos que os participantes destas oficinas que acontecerão em aulas de Sociologia bem como em outros momentos da rotina escolar serão disseminadores destes conhecimentos e também se sentirão à vontade para compartilhar seus saberes, seus afrossaberes. Tais oficinas e rodas de conversa serão momentos de partilha e de sociabilidade o que enriquece a construção do ser integral. De igual maneira a rede social será o veículo propagador destas vivências, destas oficinas bem como de conhecimentos relevantes sobre as temáticas. Teremos iniciativas que visam difundir o antirracismo.

REFERÊNCIAS

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2016.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p.223-244. 1984.

CAPLER, Rodolfo. O aumento da intolerância religiosa. In: **Revista Isto É**. Acesso em: 04/10/2021.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008b.

BRASIL, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019**. In: educa.ibge.gov.br. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **REVISTA USP**, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.